

INCERTEZAS E INSEGURANÇAS POR TRÁS DO HABITAR METROPOLITANO

MARANDOLA JR., Eduardo. **Habitar em risco: mobilidade e vulnerabilidade na experiência metropolitana.** (Coleção População e Sustentabilidade, v. 2.) São Paulo: Blucher, 2014. 248p. ISBN: 9788521208471.

Valéria Amorim do Carmo¹

Me encontro em meio a um grande desafio... ousado... arriscado. Sim, correndo risco, me sinto totalmente vulnerável diante de uma busca ontológica em plena construção e como recém-ingressada, me sinto ainda insegura neste caminhar. Venho de uma formação acadêmica bem tradicional em que reina a impessoalidade, o que sempre me causou muito incômodo. Hoje vejo que toda a trajetória que tracei dentro da universidade, de alguma maneira, foi mostrando um pouco dessa insatisfação até culminar no que venho fazendo hoje, trazendo finalmente, um pouco de mim para meu fazer geográfico. Apesar deste fazer ainda recente, não poderia me furtar do compromisso, nunca!... até por que o convite feito, me deixou muito honrada. A tarefa de resenhar cabe aos que são especialistas, por esse motivo peço licença para trazer aqui talvez não uma resenha, mas algumas das reflexões da densa obra “Habitar em risco: mobilidade e vulnerabilidade na experiência metropolitana” de Eduardo Marandola Jr. que certamente é parte importante dessa minha missão existencial.

O livro é resultado de um caminho edificado sobre a “busca” ontológica da noção de habitar experiencialmente vivida e construída especificamente no meio urbano. Iniciou com sua pesquisa desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Geografia, do Instituto de Geociências da Unicamp e também de um projeto de pesquisa do Núcleo de Estudos de População da mesma instituição.

¹ Professorado Departamento de Geografia do Instituto de Geociências da UFMG. Pesquisador do Núcleo de Pesquisas em Geografia Humanista. vamorimbh@gmail.com.

✉ Instituto Geociências, Universidade Federal de Minas Gerais. Av. Antônio Carlos, 6.627, Pampulha, Belo Horizonte, MG. 31270-901.



Antes de qualquer coisa, sua pesquisa nos revela a geograficidade através dos fenômenos vivenciados por aqueles cujo espaço de vida está ligado à experiência do habitar metropolitano. Incertezas e inseguranças decorrentes da vulnerabilidade a que estamos expostos por viver em uma contemporaneidade fluida marcada por uma hipermobilidade com potencial para interferir em nossa segurança

existencial. Assim, a maneira como somos e estamos na metrópole demanda de nós, a adoção de estratégias para assegurarmos (apesar de não garantir) nossa segurança e qualidade existencial.

Para compreender os fenômenos de segurança/insegurança, vulnerabilidade, riscos/perigos relacionados ao habitar metropolitano, Marandola Jr. faz uma leitura fenomenológica alicerçada na experiência e na existência. Com o objetivo de ajudá-lo na sua reflexão sobre o risco relacionado ao habitar metropolitano, o autor tem como referência a sua própria experiência de vida e de outras pessoas com as quais ele conversou e que vivem de formas variadas a/na Região Metropolitana de Campinas – RMC. Algumas delas nascidas ali antes do processo de implantação da região metropolitana e outras que chegaram depois. Por meio destas experiências somos então, conduzidos ao entendimento ontológico desse habitar metropolitano.

As biografias foram obtidas em Santa Bárbara do Oeste, Americana, Nova Odessa, e Sumaré. Estes municípios surgiram e foram emancipados antes que a metropolização se efetivasse. Com isso, as relações ali existentes são antigas e consolidadas. Entretanto, na década de 1970, o crescimento acentuado das cidades interferiu sobremaneira na conformação dos espaços de vida. Juntos, este crescimento pós-70 e os migrantes, não são vistos com bons olhos, pois estão associados à desagregação de valores, à violência, ao aumento significativo do preço da terra, à insegurança. Diante disso, formas de habitar bastante diversificadas moldam o que hoje corresponde à RMC.

A análise feita por Marandola Jr. considerou, por exemplo, eixos como o casulo protetor e o mundo circundante, a mobilidade e multiterritorialidade.

O **casulo protetor** se estabeleceu de maneira diferenciada entre os conversantes. Para os que estabeleceram seu espaço de vida

adequado ao sistema metropolitano, aproveitaram o que ele tem a oferecer e a mobilidade intensa foi uma marca. Consolidar seu casulo de proteção envolve um processo bem mais complexo que pode extrapolar a cidade onde moram. O seu **mundo circundante** é amplo e cheio de referências, conhecidos, costumes e ritmos. Por isso encaram a **mobilidade** como estratégia de segurança e como maneira de escolher a que lugares irão se ligar. Por outro lado, os que se estabeleceram antes do processo de metropolização estão alheios a todo o movimento do sistema metropolitano refugiando-se em seus territórios, muitos deles estabelecidos na cidade de origem. Possuem o seu espaço de vida muito marcado pela herança histórica, costumes que, de certa maneira, demarcam sua identidade territorial.

Seu livro nos mostra que “Sim, todo habitar é um habitar de risco”, nas palavras de Marandola Jr., pois a violência e o perigo estão presentes no urbano contemporâneo. Esta insegurança e a vulnerabilidade com que vivemos na nossa sociedade trazem como consequência territórios muitas vezes esgarçados pela fragilidade dos lugares de proteção. Como consequência, outra questão atinge o homem que habita o metropolitano: a angústia resultante da necessidade de estar o tempo todo refletindo sobre as normas e as consequências de nossas ações e escolhas. Podemos ver a partir destas inquietações quão complexa e desafiadora é a proposta deste livro, mas que Marandola Jr. nos apresenta com propriedade abrindo espaços para novas e intrigantes questões.

Como bem colocado pelo autor, mais do que fornecer respostas, este livro pretende a partir das reflexões apontar para a necessidade do aprofundamento de várias questões que venham a contribuir para entender melhor a questão central que é o habitar em risco. Sendo assim, ele sugere alguns aprofundamentos como a importância de incorporar a experiência vivida e as repercussões ontológicas

Notas e Resenhas

dos desastres, riscos e perigos ambientais para compreender a vulnerabilidade do ser frente à insegurança, risco e incertezas a que está exposto.

O livro é uma importante contribuição mostrando que os estudos em geografia urbana deveriam voltar seus olhares para a significativa contribuição que a fenomenologia heideggeriana pode trazer. Aliás, não apenas os estudos em geografia urbana, mas o vejo como uma contribuição importante para a formação do futuro geógrafo e por isso deveria constar das referências de disciplinas como as relacionadas à teoria e métodos.... Enfim, é um livro que deve ser lido por todos... incluindo aqueles que lidam com planejamento de uma maneira geral, não apenas geógrafos para que fenômenos como segurança/insegurança, vulnerabilidade, riscos/perigos relacionados ao habitar façam parte do complexo pensar sobre a teia metropolitana.

Um olhar mais voltado para o entendimento dos espaços de vida a partir dos que neles habitam pode ajudar a entender muita coisa que o método tradicional de fazer geografia, muitas vezes não dá conta. Ele é uma referência para nosso fazer geográfico e por isso, poderia representar uma porta aberta que nos convida, geógrafos em geral principalmente os de formação mais positivista, a conhecer o que a fenomenologia é capaz de fazer pela nossa ciência tornando-a realmente mais humanizada.

Encerro aqui com as palavras do autor

[...] direcionar o questionamento ontológico para sua dimensão espacial é fundamental se desejamos constituir espaços urbanos mais justos e uma sociedade que tenha como valor à vida humana e seus atributos próprios. (p.175) 